

FUNCHAL CULTURA 2030: TEATRO

No dia 4 de junho de 2020 realizou-se uma conversa dedicada ao Teatro, no âmbito do projecto Funchal Cultura 2030, promovido pela Câmara Municipal do Funchal. A conversa foi transmitida em direto através da plataforma Zoom e disponibilizada nas redes sociais do Município do Funchal.

O painel de oradores constituiu-se pelas atrizes Cristiana Nunes (Teatro Bolo do Caco) e Diana Pita (professora de teatro) e pelos atores Eduardo Luís (Associação Teatro Experimental do Funchal) e João Gouveia (freelancer). Os convidados foram conduzidos pelo (também) ator Luís Pimenta, que desempenhou o papel de Moderador da Conversa, onde se debateu questões pertinentes ao teatro.

Ao longo do colóquio, que assumiu um registo informal, os participantes tomaram por base os problemas que, no seu entender, afetam o sector cultural, em geral, e o teatro, em particular. Destacaram, sobretudo, questões inerentes ao financiamento, à profissionalização e à dignificação do teatro e de todos aqueles que trabalham para que o teatro aconteça.

Segue-se o essencial da Conversa, que teve uma duração de uma hora e nove minutos, embora se tivesse constatado que, relativamente ao tema do Teatro, muito mais ficou por debater, refletir, questionar e, até, sugerir:

Luís Pimenta (ator) – MODERADOR

- Como se posiciona o teatro na política cultural e quais são as necessidades mais prementes do Teatro na Região?
- Quais são as perspectivas de futuro do teatro, tanto a nível regional, como a nível nacional?

Eduardo Luís Rodrigues (ator, Associação Teatro Experimental do Funchal)

Quanto às perspectivas (estamos há 43 anos a trabalhar no teatro), não acho que a nível do Teatro, como arte, estejam a ser muito animadoras. Porque era necessário que já estivesse constituído outro tipo de trabalho que nós ainda não conseguimos almejar. Nem o próprio Teatro Experimental do Funchal consegue ainda almejar, dentro do contexto de via profissionalizante. E esta via profissionalizante seria no sentido de que atores e técnicos tivessem hipótese de trabalhar somente dentro desse contexto. Mas isto não é nada fácil, pois nem todos podem investir o seu dia-a-dia a trabalhar só para o teatro - e são muitos. A maioria precisa ter outras actividades profissionais, outros dedicam-se a outras actividades artísticas paralelas ao teatro...

Em 1999, por exemplo, surgiu o Conservatório, como uma ideia de preparar atores para o teatro. Mas, na Região, a possibilidade de trabalharem só na ilha começou a ficar mais difícil. Houve quatro anos em que o TEF teve um apoio subsidiário, o que deu hipótese de contratar atores e ter uma companhia que trabalhava a tempo inteiro. Muitos eram os alunos que saíam do Conservatório, entre outros. Em 2004, o TEF ficou sem esse apoio, e ficando pelos 20 mil (Euros), que é o (mesmo) de hoje.

Nesse contexto, a nível de perspectiva de que o teatro não consegue ser ainda mais profissional – não é que as pessoas não sejam profissionais, não tem nada a ver uma coisa com a outra – são contextos de trabalho, de horário, é uma luta que continua o TEF há 43 anos.

Hoje, todos aqueles que trabalham para o teatro, e que ensinam o teatro, estão a ver que ficarem cá (na Região) é mais difícil. Ainda há os que arriscam, vem para cá e conseguem às vezes alguns trabalhos, outros têm de sair e não conseguem trabalhar cá.

A partir daqui há um montão de coisas de que se pode falar, sobre as perspectivas... será que este projecto da Câmara dará apoio a isso? Não sei, também vocês poderão dizer alguma coisa sobre esse aspeto.

Lúis Pimenta (ator) – MODERADOR

Falamos de um ponto de vista em que para existir a profissionalização é necessário também o financiamento do sector. Que seja transparente e que incentive a própria profissionalização das pessoas que estão à frente das próprias estruturas, não é?

Eduardo Luís Rodrigues (ator, Associação Teatro Experimental do Funchal)

E que aqueles que estão a ensinar teatro, e aqueles jovens que querem fazer teatro, não se sintam frustrados, porque aqui não podem fazer nada, têm que fazer lá fora; se saem de cá, sentem dificuldades em voltar. Alguns fazem essa experiência: vão (para fora) e voltam. Mas, e os outros? Aqueles que querem apostar na ilha, como é que ficam? Quais os apoios? Como é que isso é financiado? Como é que se define esses apoios aos vários grupos que trabalham? Como é, por exemplo, no caso da componente profissional que o Teatro Experimental do Funchal tem? Como é que podemos estar, porque passam tantos atores que, simbolicamente, nós damos um valor? E os técnicos, e os criativos que temos de pagar, e toda uma série de coisas que é preciso pagar, como é que fica? Claro que tem a ver com a bilheteira também. Esses apoios são frágeis. Dá para continuar no teatro num sentido de “vamos fazendo”.

Se o teatro existe como cultura é porque as pessoas apostam, investem e querem.

É preciso mais incentivos das entidades que nos estão a apoiar, que nos querem verdadeiramente apoiar, e tem de ser de uma forma clara:

O que é que apoiam?

Como é que nós apoiamos?

O que é que nós temos de fazer para ter esse apoio?

Todas estas coisas são importantes.

Luís Pimenta (ator) – MODERADOR

Dizes-nos que, se não existir um mapeamento concreto do sector cultural e de todas as formas de o fazer, se não existir uma transparência, e se não houver uma abertura de concursos para os dinheiros que são públicos, fica difícil às pessoas de manter uma estrutura dentro do seu ramo de profissão. Por exemplo, a Cristiana, para além de fazer o seu trabalho como artista de rua, ao mesmo tempo, não consegue manter uma profissão que seja dentro deste ramo.

Cristiana Nunes (atriz, Teatro Bolo do Caco)

Não, efetivamente não. Mas realmente seria com muito gosto que eu pudesse focar-me só na área das artes, se alguma vez tiver essa hipótese não a vou largar.

Relativamente à questão de haver um maior incentivo para a profissionalização, para que as pessoas se sintam mais confortáveis, para que haja uma centralização das artes aqui na Região Autónoma da Madeira, acontece um problema que não existe em muitos sectores, mas existe aqui na cultura. Existe um Plano Nacional para a Saúde, existe um Plano Regional para a Saúde; existe um Plano Nacional para as Artes, não existe um Plano Regional para as Artes – que seria uma excelente estratégia para direccionar e orientar os valores orientados para a cultura que cá chegam. Não só ia contribuir para transparência do financiamento; o facto de haver um Plano Regional para a Cultura ou para as Artes iria garantir o mapeamento da actividade cultural dos profissionais de forma a dar mais incentivos.

Porquê que não existe um Plano Regional para a Cultura?

Porque é que existem subsídios e propostas de apoios, mas não se sabe ao certo (a tal questão da transparência) onde é que estão investidos e quais são os objectivos, de forma a transformar e a garantir que os artistas ficam, a garantir que existem artistas a pensar em investir para a qualidade, para a continuidade, se não existe um plano? Se não existem objectivos, nem estratégias, nem políticas a nível regional que garantam uma objectividade do financiamento e a satisfação das necessidades das associações e dos artistas independentes, como é que se pode saber o que está a acontecer? Existe uma autêntica descentralização das Artes.

Eu própria como artista, que tenho trabalhado na área, e tem sido uma experiência incrível com o Teatro Bolo do Caco, a Associação com quem mais trabalho, tenho sentido que estamos completamente sozinhos.

Há apoios aos quais nos podemos candidatar, e há coligações que podemos fazer. Inclusive a Câmara Municipal do Funchal, há pouco tempo, procurou estimular uma iniciativa entre o Teatro Bolo do Caco e as Aquarela (Aquarela Teatro de Fantoques). Contudo, não há nada que oriente as necessidades da Associação.

Nós, por temos uma actividade que “foge” um pouco da arte de palco – é uma arte de palco na rua, e por tentarmos procurar espaços alternativos, incluir as linguagens do novo circo no teatro de rua e na animação, por vezes sentimos que não pertencemos a lugar nenhum e que não há nada que nos oriente e que nos proteja.

Aqui na RAM estamos um pouco sós e às vezes é desmotivante porque estamos constantemente à procura, a tentar fazer valorizar aquilo que fazemos. Muitas vezes a própria lei do mecenato não nos protege, porque trabalhamos muito com entidades privadas e às vezes parece que as entidades privadas nem estão a par do que é o mecenato.

Estas são as minhas perspectivas, as que nós temos como associação, que estamos um bocado à “nora”. Continuamos a lutar por uma coisa que sabemos que acreditamos e que queremos: que é estar aqui, fazer teatro, usar as linguagens do circo aqui na RAM. E, principalmente, associarmos aquilo que são as nossas características culturais, mas não sabemos como, o tempo inteiro. Não há nada que oriente.

Luís Pimenta (ator) – MODERADOR

E não achas que isso também acontece porque pode existir uma falta de incentivo à educação artística, do ponto de vista educacional da Região?

Eu posso lançar a pergunta para a Diana que é professora e pode dizer mais algumas coisas em relação a isso.

Se não tens uma política cultural, se não tens uma política educacional para as artes, depois fica muito difícil, porque depois crias um fosso entre os jovens adultos e os adultos, uns vão embora para estudar e os outros ficam aqui e não tem possibilidade nenhuma de ter hábitos culturais como ir ao teatro, a um concerto de música...

Diana Pita (atriz e professora de teatro)

Relativamente a essa parte, as coisas estão muito interligadas. De facto, nós falamos em cultura, e neste caso estamos agora mais ligados ao teatro, e os apoios, e a forma como nós incentivamos a cultura, mesmo através da educação e como muitas vezes somos confrontados com o facto de, no ensino profissional, estarmos a formar pessoas para a vertente do teatro. Qual é o futuro deles? Lidamos com essas questões diariamente. Isso de facto vai ao encontro de todas essas questões, a todo este panorama lançado nesta conversa. Não existindo um mapeamento cultural estratégico, pensando no hoje e no amanhã, que respostas damos diariamente aos nossos alunos, que gostam e que querem seguir teatro? E não só alunos, também aqueles que fazem teatro porque amam de facto. Qual a estratégia do dia de amanhã e como é que as coisas se vão desenrolando?

Quando falamos de financiamento para a cultura, a cultura é muita coisa: a cultura é teatro, música, artes plásticas, é muito mais. E o que é que vem para o sector do teatro? Porque acho que há muito mais apoio noutros sectores do que propriamente no teatro.

Muitas vezes, os artistas de teatro têm de justificar o quê que o teatro faz na formação do individuo e do ser humano e na formação dos públicos.

Somos muitas vezes confrontados com esta questão: o teatro tem todas estas competências e trabalha não só naqueles que o fazem em cima de palco, mas também para aqueles que o vêem. Isto não é uma coisa isolada, não sou só eu que gosto de teatro e o pratico. Eu pratico para o outro e o outro recebe e tem inúmeras consequências extremamente positivas.

E termos que estar sempre a defender porque é que o teatro é importante e precisa de apoio financeiro (porque temos muita gente que apoia o teatro e que nos valoriza), mas o apoio financeiro é importante porque aqueles que fazem teatro também precisam de comer, de pagar as suas contas, de andar para a frente. Porque é que temos de justificar constantemente para que é que precisamos de apoio e outra profissão qualquer não precisa de justificar tanto como nós? Por vezes encontro-me nesta dualidade, tal como garantir àqueles que querem seguir teatro: “Sim, segue teatro, estuda”. Vem fazer teatro connosco, porquê? Mas qual é o meu dia de amanhã? Quando nós somos confrontados com esta pergunta também faz-nos pensar.

Vendo a situação como está e as Companhias que lutam diariamente, eu pergunto: como é que se estão a aguentar? Porque agora têm que ter vários tipos de medidas e essas medidas custam dinheiro. É preciso pagar não só aos atores, mas todos os profissionais do espectáculo. Não sei como é que a situação se está a compor e se estão a conseguir aguentar.

Luís Pimenta (ator) – MODERADOR

Isso toca num ponto que é a própria dignidade do sector. Estes tempos só vieram deixar a nu a própria problemática que já existia, que é uma falta de profissionalização, uma falta de visão de que realmente as artes são necessárias.

O covid, a própria pandemia em si, só veio mostrar que realmente nós somos os sectores mais fragilizados dentro do território português.

Precisamente porque não há a dignidade de olhar para as artes e dizer este rapaz é músico, este rapaz é um ator, não. Ainda é visto como um hobby, visto como uma segunda profissão, como aquela que fazes nos teus tempos livres.

Ninguém olha para ti enquanto ator e pensa que para estares no palco a dizer um texto, tens que ter um mês de ensaios e de preparação. Ainda pensamos muito na arte imediata, isto é a sociedade do *fast food*, tu fazes para ontem, para acontecer hoje. E o João pode muito bem dar o seu exemplo como ator freelancer e a recibos verdes, que tem de mostrar 30 trabalhos para conseguir ter realmente um ordenado mínimo ao final do mês.

João Gouveia (ator, freelancer)

O que me impressiona, numa primeira instância, é perceber que entrei no Conservatório para estudar teatro no ano 2007, já conhecia o director do curso que era o Eduardo Luís, já havia o problema. Passaram-se treze anos e o problema continua a existir.

Há mesmo discriminação em relação ao teatro. E pegando um pouco naquilo que o Eduardo estava a dizer, o teatro neste momento existe, e o movimento do teatro existe, graças a quem trabalha em teatro: ao Eduardo, à Paula, ao Luís Paulo Sousa dos 4Litro, o JP Ramos, ao Xavier do Bolo do Caco, N pessoas que eu podia nomear. Se existe, existe por causa dos atores, por causa dos amantes do teatro, não existe por causa do governo nem por causa de nenhum tipo de medida. Existe pela paixão que nos move.

Agora em questão aquilo que estávamos a falar, e falámos nisto ontem, passa um bocadinho pela falta de definição. Porque tu tens de trabalhar na rua com o Bolo do Caco de manhã; tens de conseguir ir ao ensaio do TEF à tarde; estar no outro dia de manhã a apresentar outra coisa qualquer. Não tens uma linha de trabalho. Mesmo assim, se conseguires acumular estes trabalhos até não está mau, até podemos dizer que estás num ponto razoável. Porque, na verdade, a maior parte das pessoas não têm essa oportunidade.

Em relação às medidas: têm de ser muito esclarecedoras, muito elucidativas. Eu, enquanto ator, sinto que há um certo apoio e um certo olhar. Por exemplo, quando é ano de eleições, há uma importância do sector, somos todos importantes. Basta haver a eleição que as coisas mudam um bocadinho.

A questão do mapeamento é fundamental à profissionalização. O tal Plano que a Cristiana estava a dizer é essencial à profissionalização. Agora, como já tínhamos falado

antes, uma medida pós-Covid tem de ser o dinheiro e o investimento tem de ser feito a fundo perdido.

Como a Diana estava a dizer não há possibilidade de dar um apoio, produzir alguma coisa, se essa própria companhia não tem dinheiro em caixa para poder investir, numa primeira instância.

Luís, há pouco perguntaste porque é que as artes são necessárias e disseste que isto não é uma questão de saber ou não saber se as artes são necessárias. Mas, para certas pessoas é mesmo uma questão de perceberem porque é que as artes são necessárias e porquê que o teatro é mesmo preciso e importante para uma sociedade. Enquanto nós não questionarmos isso, há muitas pessoas que não sabem.

E é um bocadinho da parte da qualidade que muitas vezes as pessoas acusam, em relação à peça. Se há um investimento de 500 euros nas pessoas, vai ser sempre uma peça de 500 euros; se há um investimento de 1000 euros vai ser sempre uma peça de 1000 euros; se há um investimento de 20.000 euros vai ser sempre um espectáculo de 20.000 euros. O investimento que é feito no espectáculo é a mesma coisa que num carro: se compra um carro de 500 euros vai ser um carro de 500 euros. As pessoas têm que começar a perceber que tudo no teatro tem custos.

Quando eu estive no Conservatório a gente estudava o trabalho de atores, de produção... o Eduardo ponha-nos a fazer de tudo e mais alguma coisa, para nós andarmos pela área toda, para vermos o que era mesmo o teatro, de uma maneira expansiva. Hoje em dia, vais a certos teatros e a certos lugares na Região, e a pessoa que trabalha na sala não é formada. Não é uma pessoa que saiba de teatro, que tenha formação. Torna-se tudo mais complicado. Na minha opinião, a profissionalização do sector passa por esses pequenos passos, de por as pessoas competentes nos lugares certos.

Quando nós vemos a organização de muitos eventos que existem por aí, muitas vezes não estão a cargo de pessoas totalmente competentes para aquilo que estão a fazer.

E já aconteceu muitas vezes, por exemplo, chegar a um evento e dizerem para “fazer aí”... o “fazer aí” tem muitas implicações, porque nós trabalhamos durante um mês para fazer num certo espaço, com um certo número de dinâmicas. Não é para chegarmos

junto ao organizador do evento e ele dizer “fazes aí” e em cinco minutos, o que trabalhaste num mês, tem de ser desmontado...

Luís Pimenta (ator) – MODERADOR

Aí já estamos a entrar numa mistura do que é o teatro e a própria animação de eventos. O facto de haver uma Secretaria Regional do Turismo com uma Secretaria Regional da Cultura, existe a cultura para eventos turísticos e existe artes turísticas e formas de fazer as artes para grandes multidões e para os turistas. Mas, a problemática que é haver dois Ministérios que já são demasiado complicados e muito abrangentes, faz com que o próprio financiamento das duas seja para ir para um lado para passar para outro. Há uma série de eventos proporcionados pelo Governo Regional, como pequenas feiras, que também fazem parte e têm que ter o seu lugar. Mas, uma coisa não é a outra.

João Gouveia (ator, freelancer)

A questão do turismo acho que é mesmo muito interessante, porque assistimos na Madeira a muitos fenómenos turísticos, obviamente somos uma ilha turística e temos que ter noção que a nossa economia depende muito do turismo.

Mas, nós enquanto pessoas que trabalhamos para o movimento cultural aqui, e para as pessoas daqui, o investimento que é feito, toda a gente sabe que os valores, se fossem dados ao teatro ou a outras áreas para executar, podíamos ter trabalhos fantásticos e outro tipo de maneira de olhar para as coisas.

Eduardo Luís Rodrigues (ator, Associação Teatro Experimental do Funchal)

Como e que nós podemos ser acreditados no nosso trabalho? Não há um respeito. As pessoas podem pensar que respeitam, mas não respeitam. Não estou a falar dos cidadãos, do público, que está connosco, que questiona sempre se temos apoios, ou se os vamos ter. O público está ciente disso.

Seria interessante se outras entidades estivessem cientes também disso, que houvesse dignificação, para anular aquilo que, como tu disseste João: “façam aí ao canto”.

Claro, nós temos que tomar atitudes para evitar isso. Recordo-me de espectáculos em que eu dizia, que “deste género nunca mais fazemos, não há respeito”.

Às vezes é ver o teatro de uma maneira diferente. O que nós temos de fazer cada vez mais é dar a dignidade que ele merece, fazer com que percebam a dignidade do trabalho, não só dos atores, mas do pessoal que está ali. O teatro dá trabalho a muita

gente: carpinteiros, criativos, músicos, pedreiros, pessoas da limpeza, pintores, costureiras, há um mundo imenso de pessoas que vão partilhar dessa actividade teatral e, às vezes, não é dada a dignificação.

Luís Pimenta (ator) – MODERADOR

Temos uma pergunta do Xavier Miguel, que diz: “Somos obrigados a transformar o nosso trabalho numa constante adaptação. Porquê que chegamos a isso, será que a culpa é nossa, dos artistas?”

Eduardo Luís Rodrigues (ator, Associação Teatro Experimental do Funchal)

Nós poderemos ter uma culpa quando aceitamos não ser dignificados. O problema é que há certos trabalhos em que as pessoas por vezes cedem.

Luís Pimenta (ator) – MODERADOR

Acho que isto levanta uma questão, que é, na própria profissionalização haver tabelas de remuneração dentro dos trabalhos que fazes. Se seguisses uma normativa de ter tabelas de remuneração, não havia aquela poética de: “fazes por quanto? Deixa estar que eu arranjo mais barato”.

Eduardo Luís Rodrigues (ator, Associação Teatro Experimental do Funchal)

Isso só poderia ser através de uma associação de artistas de teatro, que estabelecesse regras como existiam antes do 25 de abril. Havia a carteira profissional, que agora não há. Da mesma maneira que nós somos uma atividade, não somos uma profissão. Dizia Carlos Cabral que o teatro em Portugal é uma actividade, não é uma profissão.

Nem existem os professores que tiram cursos superiores. Nem sequer têm grupo de recrutamento. Há tanto professor na universidade a trabalhar na área do teatro, há atores a trabalharem horas e horas. O debate continua na Assembleia e não se consegue chegar a lugar nenhum. Esta falta de querer dignificar o sector, isto acontece no teatro, acontece com a dança... não existe o grupo de recrutamento. Mas há coisas que são essenciais e que vão dignificar. Tem de ser a dignificação e essa dignificação tem de ser dada oficialmente.

Recordo-me que, em 1999, quando eu fui chamado para fazer a abertura do curso profissional do Conservatório, uma das coisas que fui explicar, porque eu ia para

continente nessa altura. Já tinha trabalho em Lisboa e resolvi voltar para trás. Porque aquilo lembrou-me uma luta que tinha feito juntamente com os meus colegas que faziam teatro: finalmente vamos oficializar que o teatro existe e que poderá dar uma formação superior, uma formação que possa levar.

E foi com esse intuito, que era o que interessava. Mas, o que é que interessa ter um curso, se depois os atores seguem estas dúvidas:

Vou ficar aqui?

Vou para o continente, ou vou para o estrangeiro?

Que é o que está a acontecer muito. E os que querem ficar aqui? Esta dignificação tem que ser assumida publicamente. E a questão da valorização, e das regras da atribuição, e os relatórios que têm de ser entregues, e os objectivos, isso acontece, tem que acontecer. Por enquanto, não estamos a fazer essas metas, esses objectivos, tanto para a estatística, como para os relatórios das finanças, do Governo, mas depois o que é que vemos? Não há resposta, porque não podemos ter mais. E depois o que é? Estamos a trabalhar para quê? É preciso dignificar. É essa luta que nós temos que ter. é dignificar, fazê-los ver que é preciso dignificar a nossa área.

[Cristiana Nunes \(atriz, Teatro Bolo do Caco\)](#)

Sinto que a dignificação passa muito por conseguir uma voz colectiva.

Sei que não é comparável, mas tentei fazer um ponto da situação entre aquilo que é o sector da saúde: até ao primeiro mandato desta mais recente bastonária da ordem dos enfermeiros não se ouvia falar do trabalho do profissional de enfermagem, não da maneira que se ouve falar agora. Desde que ela veio tem havido um murmúrio constante acerca do profissional de enfermagem. Tem sido constante, todas as semanas, daquilo que o enfermeiro faz e daquilo que o enfermeiro precisa. O que está a acontecer e todos os problemas que surgem e precisam de ser resolvidos. A partir do momento em que essa voz na ordem dos enfermeiros se elevou um pouco mais e tentou unificar essas pequenas vozes, de repente ouve-se falar da dignificação da profissão de enfermagem. Fiquei a pensar, até que ponto não há uma voz forte e uniforme o suficiente, para fazer falar sobre os profissionais da arte, para fazer falar sobre esta questão da dignidade, para dizer: “estamos aqui, estes são os nossos problemas, nós passamos fome...” até que ponto será necessário vir uma pandemia como a que acabou de chegar para se falar em voz alta do que se está a passar no sector das artes, da cultura? Penso que a dignificação

passa por aí, por conseguir uma voz e uma unificação dos artistas e do trabalho de toda a gente.

Luís Pimenta (ator) – MODERADOR

Nesse aspecto concordo contigo. Por exemplo, tens agora um caso de estar a haver uma manifestação a nível nacional, proposta pelo CENA-STE e não haver possibilidade de fazê-la na Madeira, porque, não havendo um sindicato Regional e não termos uma ramificação desse sindicato que é o CENA, que deve ser das únicas estruturas, e das mais antigas, que tem a sua batalha ativa para a dignificação do sector, aí já diz muita coisa. Até podias ir para a rua com o teu cartaz, mas não tens a dignificação dentro do próprio sindicato.

Cristiana Nunes (atriz, Teatro Bolo do Caco)

Nem tens representação. Eu entendo que a Região Autónoma não se compara à realidade do continente. Contudo há actividade cultural aqui. Há actividade cultural boa. Há um trabalho cultural contínuo. Há profissionais a tentar ficar aqui. Devia haver uma representação.

Diana Pita (atriz e professora de teatro)

No seguimento daquilo que a Cristiana estava a dizer, da voz única, de nós nos juntarmos e de facto criarmos, será que não chegou o tempo também de nós fazermos? O que é que estará também nas nossas mãos poder fazer?

É porque de facto, a dignidade do artista, sendo que, existe sempre ou podendo existir alguém que faz mais barato ou que se sujeite ao facto de “olha faz aqui qualquer coisa”, como muitas vezes recebemos propostas: “olha não consegues fazer nada rápido para no próximo fim-de-semana apresentar?” Não, não é possível. O teatro merece respeito, tem o seu tempo de criação, tem o seu tempo de aperfeiçoamento.

Tal como todas estas situações acontecem, acredito que alguns artistas tenham de se sujeitar a elas porque, ou fazem dessa forma, ou então também não têm outra possibilidade, e eles têm que fazer alguma coisa.

Ao mesmo tempo que compreendo, vejo as coisas de várias formas, que eu sei que existem alguns colegas nossos que têm de aceitar várias propostas, por vezes por um valor reduzido.

Há alguém que faz mais barato, mas essas pessoas têm que agarrar a única oportunidade que resta e temos estas situações, como temos outras e várias entidades culturais que apoiam, que nos recebem, que estão dispostas a aceitar e a apoiar os nossos projectos.

Como existe este lado menos positivo na Região, também temos um lado positivo. Também a nível das escolas, essa formação do público e dos pais, começa desde muito cedo. Nós somos uma Região que tem formação em Expressão Musical e Dramática desde o pré-escolar, o que não acontece a nível nacional. Isto já é um ponto de evolução extremamente positivo.

Não é só educar a pessoa que faz, mas educar o público, porque vão ser as pessoas que vão decidir ir amanhã. Se souberem e sentirem o que é o teatro, a música e as artes, vão valorizá-los. Esta tal formação dos públicos.

Eduardo Luís Rodrigues (ator, Associação Teatro Experimental do Funchal)

A Diana está a dizer tudo o que existe já há muito tempo: os públicos, os jovens. O público está preparado para isso. O problema é que é preciso dar apoio. Não o público, mas as entidades que nos apoiam, para que nós possamos continuar a trabalhar.

Diana Pita (atriz e professora de teatro)

Tem razão, Eduardo. Quando fala no sector de não existir um grupo de recrutamento, eu lido com isso há 10 anos: o que é que eu sou? Eu não tenho grupo de recrutamento. O teatro é uma actividade docente em que temos todas as responsabilidades como o de outras disciplinas, de matemática, de português ou de inglês, porque nós temos de cumprir todos os programas. Não somos privilegiados em nada. Somos exactamente uma área da docência igual a qualquer área. Não temos grupo de recrutamento e isto tem de ser assinalado. Temos de tentar mudar e até hoje não conseguimos.

Luís Pimenta (ator) – MODERADOR

Aí tens uma solução para uma das problemáticas que é a construção de público e alertar. Mas, ao mesmo tempo, a maioria dos professores da área das actividades extra curriculares, seja da música, da dança ou do teatro, muitas vezes são professores que são colocados naquela posição, que não têm noções do que é fazer teatro, do que é que vem antes do teatro, a própria expressão corporal, a relação inter-geracional e inter-social

que despoletas nesses anos de vida. Se não estás preparada para isso enquanto docente, o trabalho que estás a fazer não é um trabalho implicado.

João Gouveia (ator, freelancer)

O Eduardo referiu a carteira profissional antes do 25 de abril. A verdade é um pouco essa: a profissionalização iria trazer outro tipo de condições a todo o sector, a quem organiza, a quem representa, a quem dirige, etc.

Sinto que, quando chegas a um evento para trabalhar, e esse evento é preparado por alguém da área, o pormenor não falha. Quando chegas a um evento que é feito (por alguém que não é da área), há muita coisa que falha. Acho que passa um pouco pela profissionalização.

A parte da união – entendo onde é que vocês querem chegar – mas estão muitas pessoas “com a cabeça fora de água” e toda a gente quer respirar. Torna-se difícil estares debaixo de água, queres respirar e dares as mãos a alguém, senão vais para o fundo.

Neste momento o sector passa um pouco por aí: conhecemo-nos todos, trabalhamos todos no mesmo projecto, se for preciso. Mas, quando existe pouco dinheiro para ser distribuído por tanta gente, é óbvio, vai haver pessoas mais egoístas, certos grupos de teatro vão se fechar mais. Não condeno ninguém por ser assim, porque acho simplesmente, que é fruto da falta de exigência e da falta de regras por parte de quem governa.

Quando eu estava no conservatório, no ano 2007, a minha turma era constituída por 8 pessoas. Hoje, as turmas no Conservatório chegam aos 17 alunos. Ou seja, a parte de haver Expressão Dramática e Musical nas escolas está a ser feita, e está a dar os seus frutos. Mas, do meu curso de teatro de 8 pessoas, acho que quem trabalha na área sou eu e o Luís Paulo Sousa dos 4litro. Mais ninguém se dedica ao teatro.

Luís Pimenta (ator) – MODERADOR

Há as questões de oportunidades, as questões de manter as estruturas públicas abertas para continuares a progredir na área, e de haver estruturas governamentais para quando estás a entrar no mercado de trabalho, e poderes evoluir os teus conhecimentos e a tua forma de criação.

Acho que muito mais do que financiar toda a gente, porque sabemos que é difícil (e agora podemos puxar um pouco a brasa ao que é que vai acontecer aos 30 milhões

municipais que vão ser distribuídos pelos municípios), qual é a forma que eles têm de chegar a toda a gente?

Será que vão abrir concursos, sendo que, estamos todos numa fase um pouco difícil para concorrer seja ao que for e estarmos a competir uns com os outros?

Esta área é aquela que sofre mais com a competição porque tens de estar sempre a competir para ter dinheiro e muitas vezes não é isso que está em causa. Precisas dos apoios para criar, não para fazer daquilo a tua renda mensal. Esses 30 milhões vão servir para quê? Para um apoio a fundo perdido? Ou vão servir para uma abertura de concursos de candidaturas de criação posterior, ou seja, já estão a pagar para uma coisa que ainda vais fazer?

João Gouveia (ator, freelancer)

Quando falamos de quem governa não é uma questão de Junta de Freguesia ou de Câmara Municipal, porque até há certos trabalhos que faço para Câmaras Municipais, que tenho todo o apoio. E, dentro das limitações que eles têm, até apoiam bastante e estão perto das pessoas.

Mas, quando comesças a ir um pouco mais para cima, aí é que começa a haver a falta de comunicação. Começa a haver uma questão de prioridades, e a prioridade não é a cultura. Nós não somos prioridade para ninguém. E isto é um fenómeno que acontece muito.

Dos países latinos, acho que Portugal é talvez dos piores. Porque a nossa ligação em termos culturais é muito forte em relação às artes, somos muito relacionados com a arte. Acho que no nosso país é uma questão de irmos mais acima, é mesmo o Ministério da Cultura, é o Governo pensar que 1% não dá para a cultura, tem de haver um aumento. Porque falar de Junta de Freguesia, Câmara Municipal, Governo Regional, acaba por ser muito limitado. Não podem dar mais, talvez porque não conseguem. Quando o dinheiro chega a uma Câmara Municipal está “contadinho” e a cultura não está integrada nesse pacote.

Lúis Pimenta (ator) – MODERADOR

Aquilo que estás a dizer vai mais ou menos ao encontro do comentário do Fernando Nóbrega que vou passar a ler:

“Estou a ouvir-vos com atenção, concordando com muito daquilo que dizem, mas também é preciso pensar porque razão andamos há quase quarenta anos ou mais a falar

das mesmas coisas e não há inovações e grandes mudanças. Os grupos não serão, também eles, culpados de muito do que vem acontecendo? Há muita falta de memória na Madeira, falta premeditada”.

Ou seja, eu não vou fazer grandes ondas porque pode existir alguma coisa preparada para mim nas próximas vagas.

Eduardo Luís Rodrigues (ator, Associação Teatro Experimental do Funchal)

Logo a seguir ao 25 de abril foi constituído o Teatro Experimental do Funchal com outro nome nos serviços culturais da câmara. O Teatro Experimental do Funchal era um grupo do Município. Foi convidado a sair do Município e tornar-se independente. Teve os seus prós e os seus contra, bastante coisa positiva, mas as conversas que estamos a ter agora são faladas há 40 e tal anos. Eu às vezes já não falo tanto, porque estou a repetir-me tantas vezes. Já são 4 décadas e estou a repetir-me.

Luís Pimenta (ator) – MODERADOR

Porque não passa por uma privatização do teatro, mas por uma abertura dos espaços públicos e das estruturas públicas e governamentais a apropriação daquilo que pode acontecer lá dentro.

Cristiana Nunes (atriz, Teatro Bolo do Caco)

Em resposta ao Sandro, eu sinto que a culpa pode estar nas associações e nos atores, mas conjuntamente com a Secretaria Regional do Turismo e Cultura. Por uma simples razão: o João Gouveia disse, e tu também Luís, disseste, nós não temos um lugar importante. Mas, mesmo que seja a fingir, existe o Ministério da Cultura e existe 1% do orçamento do Estado para a Cultura. Porquê que aqui, na Região Autónoma, não existe esse a fingir também? Porque é que a Secretaria Regional do Turismo e Cultura não orienta, não cria critérios (um Plano Regional de Cultura), que oriente, e faça dessa forma a dignificação da actividade? Porque isso não existe. Se existisse, por parte da Secretaria Regional do Turismo e Cultura, ia haver uma maior dignificação do sector e se calhar muitos dos problemas não aconteceriam havia uma melhor resposta às necessidades.

Luís Pimenta (ator) – MODERADOR

Tenho outra pergunta do Diogo Gonçalves:

“Acham mesmo que entregar os mecanismos de produção e pós-produção a estruturas governamentais é a coisa mais correta? Isso seria retrair ainda mais o tecido cultural. Invés de motivar a profissionalização independente das estruturas empurram-se para baixo do punho governamental. Não se abre caminhos dessa forma”

João Gouveia (ator, freelancer)

Para falar em relação a isso eu acho isso um comentário interessante porque nós temos vindo a falar de colocar as pessoas competentes nos lugares certos. Entendo onde é que o Diogo quer chegar com a parte de empurrar mais para baixo, se ficar nas mãos governamentais. Mas, temos de ter em atenção que é ficar nas mãos das entidades governamentais com alguém competente, e com alguém formado à frente, é um ponto e é uma coisa, agora fazê-lo com as pessoas que não são competentes, é aquilo que se faz e que se assiste hoje em dia. É mesmo muito pertinente falarmos aqui da privatização.

Luís Pimenta (ator) – MODERADOR

Concordo contigo, mas deixa-me por aqui a questão ainda mais incisiva: se estás dentro de uma estrutura governamental, essa estrutura tem de mudar no mínimo de 4 em 4 anos, dentro de uma ideia de partido. Isto significa que a cultura vai andar constantemente à “pala” de cada cor de bandeira. Essa é a real problemática, tanto da cultura, como das artes, como educacional, como do sistema de saúde.

A cultura não pode ser vista como uma bandeira partidária como tem sido vista, e quando não tem dinheiro, que aquilo que sobrar é para vocês. E como não pode ser vista como uma bandeira partidária. Nós somos a estrutura mais fragilizada de momento, que é, nós não estamos aqui para servir ninguém, mas ao mesmo tempo precisamos que nos sirvam a nós.

Diana Pita (atriz e professora de teatro)

Enquanto nós – cultura – e não só a nível do teatro, formos vistos apenas como entretenimento, essa questão vai sempre se manter.

Voltando um pouco atrás, faz-me pensar ter aqui o Eduardo a dizer que aquilo que falamos aqui hoje fala já há 40 anos.

Estas conversas servem para quê?

Para tirarmos algumas conclusões e percebermos todos juntos o que é que podemos fazer?

Porque isto aqui é como teatro, falta um, a coisa não acontece, então é mesmo todos juntos. Então, o que é que se pode fazer?

Tendo em conta aquilo que não se pode mudar, que é aquilo que o Luís dizia, que de 4 em 4 anos as pessoas mudam, e independentemente da cor que está à frente, são pessoas. As pessoas têm perspectivas diferentes sobre as coisas e vão sempre tomar estratégias e medidas, melhores ou piores, depende daquilo que as pessoas acham.

Mas, o que é que nós, enquanto sector do teatro, precisa de ser falada, porque a cultura é muito abrangente.

Quando vêm aqueles 30 milhões que são entregues aos Municípios, estes não têm só o teatro, têm todas as outras coisas. Nós, teatro, sentimos que para nós vem sempre muito pouco e somos pouco falados. Agora, o que é que nós podemos fazer, tendo em conta estamos a falar do mesmo há 40 anos? O que é que podemos fazer, ainda mais numa situação como esta, em que os artistas estão mais fragilizados, tendo em conta a pandemia? Isto não vai ser uma coisa só de agora, isto vai perdurar, porque o teatro não vai ser a prioridade das pessoas que hoje estão a passar necessidades. E do próprio Governo, que neste momento está a apoiar mais a nível social. Isso não é condenável, porque as pessoas precisam, mas tem de haver um equilíbrio.

O que é que nós podemos fazer, tendo em conta que, se a situação não estava bem, não vai ficar melhor? E o mesmo se diz a tudo, porque se estamos todos ligados ao audiovisual, daqui a dias, para quê que preciso estar lá presencialmente?

Então começamos a substituir. Aquela questão do supermercado, que deixamos de estar a precisar de alguém com o corpo e passamos a ter a máquina. O teatro só se faz com pessoas que estão à nossa frente, ao nosso lado e, fico a pensar que, antes já era complicado, então agora, tendo em conta esta situação, que é que nós podemos fazer, e o que é que as pessoas que nos estão a ouvir acham que nós podemos fazer?

Luís Pimenta (ator) – MODERADOR

É por isso que a iniciativa se chama Funchal Cultura 2030. É para podermos pensar a longo prazo, o que é que poderá ser tido em conta, que estamos mais atrasados e mais descentralizados daquilo que acontece a nível do território português e é sempre mais complicado.

Eduardo Luís Rodrigues (ator, Associação Teatro Experimental do Funchal)

Não podemos dizer que estamos, nós é que talvez tenhamos que falar mais, muito mais.

Luís Pimenta (ator) – MODERADOR

Foi essa a conclusão que chegámos: ter este tema de conversa, este tema tão premente e tão alargado, do ponto de vista tanto da profissionalização como da dignificação, como o mapeamento do território, problemáticas do agora e até do futuro, é muito difícil para nós. Foi por isso que decidimos ter uma conversa aberta e não um debate de assuntos extremamente delicados.

João Gouveia (ator, freelancer)

Pegando no comentário do Sandro, é pertinente quando ele diz que em termos de inovação não mudou muito. Na minha opinião, isto é a mesma questão quando tu tens um agressor e uma vítima e depois a vítima é culpabilizada por aquilo que está a acontecer.

Luís Pimenta (ator) – MODERADOR

Nós, dentro de um ponto de vista duma sociedade muito enraizada numa cultura cristã, temos tendência a atribuir sempre a culpa a alguém. E neste caso acho que não se trata de uma atribuição de culpa ou de quem é que teve mais culpa. Na verdade, tanto a sociedade civil, como os técnicos, os dirigentes dos teatros, etc., tiveram todos culpa. Mas, temos de ultrapassar essa culpa e pensar na vergonha que não possamos passar daqui para afrente

Cristiana Nunes (atriz, Teatro Bolo do Caco)

Acho que um bom próximo passo seria arranjar uma forma de unificar e criar uma voz das artes aqui na Região de forma a chegar de uma forma mais intensa, mais correta e mais objectiva aquilo que está a faltar aos artistas.

Luís Pimenta (ator) – MODERADOR

É necessário atribuir funções e estratégias para o futuro: dividir as coisas por grupos, porque uma companhia com 40 anos não é a mesma coisa que uma companhia que nem 10 anos tem, que não é a mesma coisa que um artista independente, que procura sítios para fazer os seus espectáculos. Pensar que tem de existir uma transparência dos apoios financeiros à Região primeiramente, e depois a nível nacional. E pensar também em termos de estratégias de políticas culturais, que possam abrir a Região a outros artistas.

Só vindo artistas de fora, e actualizando a própria rede e o próprio tráfego artístico do país, é que podes estar no mesmo patamar das outras regiões.

Eduardo Luís Rodrigues (ator, Associação Teatro Experimental do Funchal)

Terem possibilidades de saírem daqui, os artistas de cá.

Luís Pimenta (ator) – MODERADOR

Tanto os artistas de cá saírem daqui, como artistas de outros pontos do país poderem vir à Região. Poderem fazer residências artísticas, apresentar os seus espectáculos, trabalhar em conjunto com outros artistas da Região, para existir uma coesão e unificação do sistema, tanto a nível regional como a nível do panorama da sociedade civil portuguesa. Acho que só assim podemos pensar no Funchal Cultura 2030 a nível do teatro.

João Gouveia (ator, freelancer)

Acho que iniciativas como esta e mando já os cumprimentos ao Teatro Municipal por esta iniciativa, que já abriu as portas à discussão. Isso é muito relevante. Depois, acho que tem de ser um pouco mais simples, como conseguir os apoios e mesmo os apoios que estão disponíveis, que são escassos, e são extremamente complicados de conseguir. Eu como freelancer procuro muito mais o sector privado e trabalhar de uma forma independente. Gostava e prefiro trabalhar num palco com mais 4 ou 5 pessoas, fazer a minha arte partilhada. Acabei por optar pela área da comédia e do *stand up*. Vendo-me um bocado sozinho, porque é um processo mais simples, as coisas tornam-se mais simples. Muitos dos trabalhos são feitos à base de *sponcers*. A Madeira não é Nova Iorque, não é Londres. Dentro das limitações que têm, passa por uma certa organização e por um carácter de ideias muito fixo e consistente.

Luís Pimenta (ator) – MODERADOR

Na verdade, não somos cegos e sabemos que as coisas existem e tem de ser.

Aproveito para agradecer estas iniciativas do Teatro Municipal Baltazar Dias que, só a perceber a perspectiva de cada um, só em diálogo é que nós conseguimos mudar algumas coisas. Não é possível continuar fechados numa bolha e pensar que estamos a melhorar alguma coisa, porque não estamos. Por isso a conversa foi fortuita. É pena uma conversa tão pequena para um tema tão grande. Esperemos que o Teatro tome mais iniciativas destas daqui para a frente e que fale com os agentes culturais.

Diana Pita (atriz e professora de teatro)

Nisso tem sido muito positivo porque tem recebido grupos muito diferentes e tem aberto as portas.

Cristiana Nunes (atriz, Teatro Bolo do Caco)

E lança propostas arrojadas, nesse aspeto até tem sido muito interessante eu falo por mim, tenho trabalhado com o Teatro Municipal. Infelizmente a pandemia veio cortar algumas coisas, mas cada vez mais sente-se que há uma valorização do que há cá.

Diana Pita (atriz e professora de teatro)

Há muitas pessoas que estão a lutar para que o teatro se afirme cada vez mais e a cultura também. Isso é de valorizar. Agora é unir a voz e seguirmos todos juntos.

Luís Pimenta (ator) – MODERADOR

Muito obrigado ao Teatro e até à próxima, com outros eventos.